



Doi: 10.4025/7cih.pphuem.1460

## VISÕES DA CRISE IMPERIAL NO SÉCULO III D.C.

Douglas Raphael Machado Gobato  
(PPH/LEAM-UEM)

Renata Lopes Biazotto Venturini – Orientadora  
(DHI/PPH/LEAM-UEM)

**Resumo:** Frequentemente associada ao período subsequente ao governo de Marco Aurélio (161-180 d.C.), a crise que se perpetuou pelo mundo romano durante o século III, atingiu os diferentes segmentos da sociedade e provocou alterações nas instituições imperiais. Diante da crescente instabilidade dentro e fora das fronteiras de Roma, as autoridades esforçaram-se para solucionar os problemas decorrentes da crise adotando novas medidas fiscais, centralizando a administração pública, promovendo reformas no exército e buscando minimizar os efeitos negativos sobre a opinião pública através do resgate as tradições do passado e do fortalecimento da religião estatal por meio da exaltação da figura do imperador. Distinguidos por sua religião, os cristãos foram considerados inimigos do Império e passaram a ser perseguidos em todos os lugares. Esse quadro de transformações sociais, não passou despercebido aos observadores da época. Tanto autores cristãos como adeptos do politeísmo, se posicionaram a respeito das mudanças que presenciavam. Por meio da análise de alguns desses testemunhos, a exemplo de Dião Cássio, Herodiano, Arnóbio e Lactâncio, buscamos identificar as causas que os contemporâneos atribuíram a crise e quais as soluções que eventualmente propuseram para remediar suas implicações. Esses depoimentos, revelam os anseios e as intencionalidades desses indivíduos, ajudando-nos a compreender as medidas políticas tomadas pelo Estado na tentativa de garantir a preservação da sociedade imperial no século III.

**Palavras-chave:** Crise do Império Romano; Política Imperial; Cristianismo.

### Introdução

A crise de Roma despertou o interesse dos indivíduos, que diante dos acontecimentos que marcaram o século III, procuraram por explicações e elegeram os fatores que acreditavam serem os responsáveis pelo momento de instabilidade. Os testemunhos que chegaram até nós, foram produzidos por historiadores, retóricos, apologistas e filósofos, tanto pagãos como adeptos do cristianismo, vindos de diversas partes do Império. Cabe notarmos, contudo, que a maioria desses textos

foram escritos por autores cristãos, a despeito de representarem uma minoria da população. Sobre isso, Alföldy (1974, p. 91) explica que:

Os cristãos, no entanto, não foram apenas fortemente afetados pelos eventos daquele período (antes de tudo pelas perseguições, causadas em particular pela crise do Império), mas também estavam interessados nos acontecimentos contemporâneos que pareciam apoiar sua crença no mais alto grau [...]”<sup>1</sup>.

Por outro lado, apesar de suas expectativas escatológicas, as justificativas dos cristãos para a crise não diferiram muito daquelas dadas pelos romanos (ALFÖLDY, 1989, p. 91). Ubiña (1982, p. 21 e 25) diz que de modo geral as explicações concretas prevaleceram sobre as querelas ideológicas entre cristãos e não cristãos. O embate entre ambas as concepções, todavia, acabou acarretando as ações persecutórias nos séculos III e IV.

Analisando alguns desses testemunhos do século III, a exemplo de Dião Cássio, Herodiano, Arnóbio e Lactâncio, buscamos identificar as causas que os contemporâneos atribuíram a crise e quais as soluções que eventualmente propuseram para remediar suas implicações. Esses depoimentos, revelam os anseios e as intencionalidades desses indivíduos, ajudando-nos a compreender as medidas políticas tomadas pelo Estado na tentativa de garantir a preservação da sociedade imperial no século III.

### **A crise do século III e as expectativas em torno do fim de Roma**

No primeiro quarto século III, durante a dinastia dos Severos (193-235) não havia dúvidas sobre o sentimento de uma crise generalizada no Império. Tanto é verdadeiro, que logo após a queda de Cômodo em 192, os imperadores passaram a investir em uma política propagandística que reconhecia o momento de dificuldade e propunha programas de restauração prometendo o advento de uma nova era. Assim fala Géza Alföldy (1974, p. 92).

“[...] os imperadores (ou pelo menos alguns deles) viram claramente a difícil situação do Império, decorrente das profundas mudanças em

---

<sup>1</sup> No original: “Christians, however, were not only heavily afflicted by the events of that age (first of all by the persecutions, caused in particular by the crisis of the Empire), but also they were interested in contemporary events which seemed to support their belief in the highest degree [...]”.

sua estrutura e fizeram esforços para a necessária estabilização. A urgente necessidade financeira do Estado, foi abertamente confessada por Severo Alexandre em seu edital sobre o *aurum coronarium* onde o imperador enfatizou seus esforços contra a crise financeira. Ao mesmo tempo, ele foi o primeiro imperador a ser celebrado em documentos epigráficos claramente como *restitutor orbis [...]*<sup>2</sup>.

As fontes literárias desse momento, revelam a impressão que se tinha da crise. Ulpiano e Filóstrato, dois autores que viveram entre o final do século II e a primeira metade do século III, enfatizaram a escassez de mão de obra e a degeneração física dos romanos entre as causas da crise (ALFÖLDY, 1974, p. 92 e UBIÑA, 1982, p. 19). Impressões que darão continuidade ao sentimento expresso por Cássio Dião, que diante da morte do Imperador Marco Aurélio em 180, disse ter iniciado-se um tempo de decadência. De acordo com Mazzarino (1991, p. 41) para o historiador romano, após a morte do imperador filósofo: “[...] a história passou de um império de ouro para um de ferro, enferrujado”. Cássio Dião, que chegaria a cônsul em 229, escreve durante o governo de Cômodo, que desde 177 dividia o trono com seu pai e após a morte deste governaria por mais doze anos. Este período, foi marcado pela crise política e a transformação nas estruturas de poder da sociedade imperial.

Apesar das dificuldades que marcaram a transição entre o segundo e o terceiro século, alguns autores romanos, entre eles Cassio Dião e Filóstrato, acreditavam na recuperação do Estado. Esperança compartilhada pelos cristãos. De acordo com Alföldy (1974, p. 93) contribuía para isso o fato de que desde meados do século II, parte dos seguidores de Cristo já não acreditava no eminente retorno do Messias<sup>3</sup>. Tertuliano (160-220) um dos principais representantes da cristandade

---

<sup>2</sup> No original: “[...] the emperors (or at least some of them) saw clearly the difficult new situation of the Empire, arising from profound changes in its structure which made efforts for stabilization necessary. The pressing financial need of the state, was openly confessed by Severus Alexander in his edict on the *aurum coronarium*, and the emperor emphasized his efforts against the financial crisis. At the same time, he was the first emperor to be celebrated in epigraphical documents clearly as *restitutor orbis [...]*”. *Termos gregos suprimidos por nós*.

<sup>3</sup> Alguns grupos minoritários, como os montanistas, continuaram acreditando na eminente parousia de Cristo. Segundo Simon e Benoit (1972, p. 96-97) o montanismo, cujo nascimento deve fixar-se entre 160 e 170 na Frígia, foi um movimento que se produziu no interior das comunidades cristãs como um esforço para revalidar as crenças escatológicas dos primeiros cristãos. Tratava-se, portanto, de um movimento de reavivamento, que diferente dos gnósticos ou dos marcionistas, não pretendia anunciar uma nova doutrina, mas resgatar certos elementos mais ou menos esquecidos da doutrina tradicional.

nessa época, acreditava que Roma encerrava e seu seio o poder de recuperação para o momento de instabilidade. Hipólito (170-236) compartilhava da mesma crença, todavia, situava o fim de Roma no ano 500. Sua previsão é baseada no livro de Daniel e atribui o desaparecimento do Império ao surgimento de dez “democracias” beligerantes que o dividiriam entre si. “Os dedos dos pés (da estátua no sonho de Nabucodonosor) pretendem mostrar as democracias vindouras, que se separarão umas das outras como dez dedos da estátua, nos quais o ferro será misturado com a argila” (MAZZARINO, 1991, p. 43). Dentro dessa cosmovisão escatológica, o fim era inevitável, ainda que pudesse ser postergado. Assim dizia Tertuliano:

“[...] Naturalmente que a queda de Roma deve vir um dia, e o presente momento já foi uma época em que *concutitur imperium*; mas a força de Roma ainda poderia atrasar a *clausula saeculi*, e assim o *mora finis* foi uma chance real, em particular porque os cristãos estavam orando a Deus para o bem-estar do Império e pela *Romana diuturnitas*” (ALFÖLDY, 1974, p. 93)<sup>4</sup>.

Na metade do século III, por conta das invasões bárbaras, guerras civis, aumento das dificuldades econômicas e catástrofes naturais, uma atmosfera de pessimismo instalou-se entre vários grupos da sociedade romana. No tempo de Filipe o árabe (244-249) um escritor desconhecido comparou o Império a um corpo em decomposição e a um navio sem rumo condenado a naufragar (ALFÖLDY, 1974, p. 94 e 1989, p. 172). No mesmo período, talvez sobre o governo de Décio (249-251) Herodiano (178-252) faz uma análise mais consistente dos acontecimentos. Para Alföldy (1974, p. 95) e Ubiña (1982, p. 22) a despeito de sua falta de exatidão em relação aos fatos, a análise do historiador romano é a que melhor privilegia a forma como os grupos sociais menos favorecidos encararam o momento de crise. Herodiano, que era membro da aristocracia senatorial, fala de uma série de

---

Difundindo-se rapidamente, sobretudo no Oriente, os montanistas alcançaram sua máxima expansão no final do século II, embora tenham subsistido até o final do século IV. Ainda no Oriente, Alföldy (1974, p. 93) destaca que imediatamente após a morte do Comodo, alguns grupos na Ásia Menor, Síria e Palestina foram responsáveis por uma nova onda de expectativas escatológicas.

<sup>4</sup> No original: “[...] naturally the fall of Rome must come one day, and the present time was already an age in which *concutitur imperium*; but the strength of Rome could still delay the *clausula saeculi*, and thus the *mora finis* was a real chance, in particular because Christians were praying to God for the welfare of the Empire and for *Romana diuturnitas*”.

catástrofes naturais, brevemente interrompidas por momentos de tranquilidade. Assim como Cassio Dião no final do século II, a morte de Marco Aurélio figura para ele como o início dos infortúnios de Roma:

“Se alguém considerar o período a partir de Augusto, desde que o império dos romanos tomou forma monárquica, não encontrará nos anos – cerca de dois séculos – até Marco nem sucessão tão cerrada de reinos, nem acontecimentos de guerras civis e externas tão variadas e movimentos de nações e ocupações de cidades em nosso império e fora dele; e terremotos e perturbações atmosféricas, e vida fora do normal de usurpadores e imperadores, como antes não há lembranças, ou são muito raras” (MAZZARINO, 1991, p. 41).

Diante dos graves acontecimentos que presenciava, Herodiano não tinha dúvidas de que um retorno aos tempos anteriores a Marco Aurélio parecia impossível. Para ele, somente a força de imperadores soldados, pela força das armas, poderia manter a unicidade do Império e defendê-lo dos bárbaros (ALFÖLDY, 1974, p. 95 e UBIÑA, 1982, p. 22). As derrotas de Décio frente aos godos, que acabou levando a sua morte em 251, despertou em outro contemporâneo a sensação de que o colapso do Império estava por vir<sup>5</sup>. Cipriano, bispo de Cartago, acentuou o caráter moral da crise, salientando as práticas pagãs dos romanos como a causa das guerras que assolavam o Império. Por outro lado, retomava o argumento de Lucrécio sobre o envelhecimento do mundo. Assim dizia:

“Deves saber que o mundo já envelheceu. Não tem mais as forças que antes o sustentavam [...] mesmo que nós, cristãos, não falemos

---

<sup>5</sup> Alföldy (1974, p. 96-97) esclarece que alguns autores acreditam que Cipriano sempre esteve convencido de que o colapso do Império seria imediato. Segundo o autor húngaro, essa informação não é verdadeira, pois o bispo cartaginês mudou sua opinião a esse respeito ao longo da vida. Em seus primeiros trabalhos, Cipriano enfatiza que Roma estava em crise, em particular por conta da decadência moral dos romanos, todavia, não faz qualquer previsão para o fim do Império. Mesmo durante a primeira grande perseguição aos cristãos sobre o governo de Décio (249-251), Cipriano não muda de ideia. Somente depois de 251 é que podemos verificar uma alteração em seu pensamento, especialmente a partir de seu tratado sobre a crise do Império *Ad Demetrianum*, escrito em 252 ou 253. Foi diante de um momento de contravenções heréticas, as derrotas de Décio frente aos godos, catástrofes naturais, dificuldades econômicas e a ameaça de novas perseguições que o autor africano foi levado a imaginar um fim imediato para o Império Romano. Apesar disso, com o passar dos anos, a medida que se habituava a viver sob condições adversas, o bispo de Cartago mudou de ideia novamente, o que pode ser visto em uma carta de 254, onde ele alerta os cristãos sobre a aproximação do fim do mundo. Em segundo lugar, em seus últimos escritos ele volta a concepção que tinha durante a perseguição de Décio, dizendo aos mártires para esperar pelo fim dos tempos com paciência.

nem exponhamos as advertências das Sagradas Escrituras e das profecias divinas, o mundo já fala de si e com os próprios fatos documenta seu ocaso e sua queda [...] Culpas os cristãos, se tudo diminui com o envelhecimento do mundo. Mas com certeza não é culpa dos cristãos se os velhos têm as forças diminuídas [...] quanto à maior frequência das guerras, ao agravamento das preocupações com o aparecimento de carestias e esterilidade, à fúria de doenças que deterioram a saúde, a devastação que a peste opera em meio aos homens – isso também, é bom que saibas, foi previsto: que nos últimos tempos os males se multiplicam e as adversidades assumem aspectos os mais diversos, e, com a aproximação do juízo, a condenação indignada de Deus decreta a ruína dos homens” (MAZZARINO, 1991, p. 45).

No mesmo período, ao contrário da visão desesperançada de Cipriano, Orígenes (185-253) foi o único dos autores cristãos de relevo que enxergou um futuro para Roma. Para o bispo de Alexandria, a exemplo do que havia feito Melito de Sardes, Roma e o cristianismo deveriam se desenvolver juntos, afinal, Cristo havia nascido sobre o domínio de Augusto (UBIÑA, 1982, p. 23). Essa concepção conciliatória será mais tarde retomada por Lactâncio, que irá propor que a única maneira de garantir a sobrevivência do Império e postergar o juízo final seria por meio da conversão ao cristianismo. Ideia que acabará se tornando viável diante dos acontecimentos que marcaram o início do século IV.

A medida que avançamos sobre a segunda metade século III, a ação dos bárbaros nas fronteiras é posta em destaque entre as causas da crise do Império. Outros autores, como Políbio, Cassio Dião e Tertuliano já haviam atentado para essa questão, todavia, sem atribuir a devida importância (UBIÑA, 1982, p. 26). Já Herodiano e o bispo cartaginês Cipriano, deram mais atenção a esse tema, contudo, foi Comodiano o primeiro a apresentar os germanos como protagonistas da queda de Roma. Assim como Herodiano, o escritor cristão de meados do século presenciou as invasões dos godos, que sobre o governo de Décio saquearam a Península Balcânica e nos anos seguintes a morte do imperador, entre 252 e 253, adentraram a Ásia Menor chegando à cidade de Éfeso. Durante o governo de Valeriano (253-260) Comodiano também presenciara os fracassos das campanhas militares contra os persas conduzidas por esse imperador. Por essas razões, em torno de 260, no seu *Carmen apologeticum*, o autor demonstra sua indignação contra as perseguições aos cristãos e revela seu anseio por justiça. As vitórias dos godos sobre os romanos são vistas por ele com certa alegria, uma vez que eram

entendidas a partir de um quadro escatológico e figuravam entre os eventos finais que levariam o Império ao seu fim (MAZZARINO, 1991, p. 48). Nesse sentido, Alföldy (1974, p. 95) diz que:

"[...] Comodiano estava convencido de que a aniquilação do Império, começando com invasões bárbaras, com revoltas militares e com perseguições à Igreja (uma visão claramente influenciada pelos eventos contemporâneos), era de se esperar em um futuro próximo, talvez no sétimo ano do reinado de Valeriano e Galiano"<sup>6</sup>.

Na mesma direção do autor cristão, Déxipo, historiador ateniense que ficou conhecido por seus feitos militares na invasão dos godos sobre a Grécia e que escreve durante o governo de Cláudio o gótico (268-270), enfatizará as contendas contra os bárbaros. Entre as suas obras que chegaram até nós, está um relato sobre a guerra de Roma contra os godos durante os reinados de Décio e Aureliano<sup>7</sup>. Em sua narrativa dos acontecimentos, de acordo com Ubiña (1982, p. 20) Déxipo contrapõe a “razão” de Roma frente a “violência” dos bárbaros.

Outro observador da crise nesse momento, contemporâneo de Comodiano, é Dionísio, bispo de Alexandria. Sua análise privilegia a crise demográfica como a causa da decadência do Império, contudo, entende o desaparecimento do gênero humano a partir de uma visão apocalíptica. Assim dizia:

“Surpreendem-se e perguntam-se de onde vêm as pestes contínuas, as mortes de todos os tipos, o variado e enorme despovoamento; perguntam-se por que a cidade tem ao todo – incluída as crianças e anciãos – um número de habitantes igual apenas ao dos velhos de outros tempos. O fato é que na época o número de homens entre quarenta e setenta anos ultrapassava o dos homens de hoje entre catorze e oitenta anos; em nossos dias, os muito jovens são os companheiros dos muito velhos” (MAZZARINO, 1991, p. 50).

Como outros autores cristãos, Dionísio estava convicto de que o fim do mundo cedo ou tarde ocorreria, visto as guerras, revoltas, pragas e a escassez de mão de obra que presenciara durante o governo de Valeriano. Apesar disso, destaca

---

<sup>6</sup> No original: “[...] Commodianus was convinced that the annihilation of the Empire, beginning with barbarian invasions, with military revolts and with persecutions of the Church (a vision clearly influenced by contemporary events), was to be expected in the near future, perhaps in the seventh year of the reign of Valerian and Gallienus”.

<sup>7</sup> As informações que apresentamos sobre Déxipo estão em William Smith (ed.). *Dictionary of greek and roman biography and mythology*. Boston: Little, Brown and Company, p. 996, vol. I.

Alföldy (1974, p. 96), após o sétimo ano do reinado de Galiano (260-268) com o fim das perseguições aos cristãos, o bispo de Alexandria mudou sua visão em relação à crise do Império, partilhando das esperanças de Tertuliano e Hipólito na primeira metade do século.

Nas últimas décadas do século III, o otimismo das épocas de César e Augusto é resgatado entre os romanos. Uma consequência das vitórias militares desde o final do governo de Galieno. De acordo com Peter Brown (1972, p. 27) nos dez anos entre 258 e 268, o imperador Galieno venceu os bárbaros na região dos Balcãs e no norte da Itália. Cláudio o gótico, por sua vez, pacificou a fronteira do Danúbio em 269. Dando sequência a esses êxitos militares, Aureliano avança sobre os povos germanos através das províncias do Oriente e Galério imprime uma vitória sobre os Persas em 296. Diante dessas vitórias, a própria propaganda oficial do Império toma um direcionamento contrário ao que tinha no início do século. Ao invés de reconhecer a crise e prometer uma renovação, nesse momento enfatiza como Roma foi capaz de prevalecer sobre as dificuldades graças as ações de seus imperadores (ALFÖLDY, 1974, p. 97).

Esse momento de restauração, que continuará durante boa parte do século IV, fez com que mesmo os autores cristãos se tornassem menos pessimistas. Arnóbio, apesar de vivenciar a perseguição de Diocleciano no início do século IV, estava convencido de que as mudanças de seu tempo e os “males” do Império eram evidências para mudanças permanentes na história. Ao contrário de Comodiano e Cipriano, o norte africano não apontou quaisquer consequências dessas transformações em direção a um futuro imediato. Seu discípulo, Lactâncio, que escreve entre a segunda metade do século III e o início do século IV, faz uma crítica às perseguições aos cristãos e recupera as ideias de envelhecimento do mundo propostas por Cipriano, contudo, para ele o fim dos tempos não chegaria antes de 200 anos, podendo ainda ser prorrogado caso o Império convertesse-se ao cristianismo (ALFÖLDY, 1974, p. 97-98 e UBIÑA, 1982, p. 24).

### **Considerações finais**

Em uma avaliação da percepção que os contemporâneos tiveram da crise do século III, notamos que boa parte dos problemas assinalados não eram novos, apesar disso, foram encarados de forma decisiva quanto a sobrevivência do Império.



A maneira como esses indivíduos enxergaram esse momento de adversidade, serviu às explicações dos observadores dos séculos seguintes. Cabe dizermos, ainda, que a despeito da oposição fundamental entre a percepção escatológica dos autores cristãos e a ideia de degeneração dos costumes dos romanos, os principais sintomas da crise foram observados por ambos os lados e explanados de formas análogas. Nesse sentido, a cooperação entre Estado e igreja cristã firmado na primeira metade do século IV, deve ser entendida como uma consequência de um mesmo processo histórico que ultrapassou oposições ideológicas e que visava a superação do estado de crise que se estabeleceu no Império Romanos durante o século III.

## Referências

AFÖLDY, Géza. **A história social de Roma**. Lisboa: Editorial Presença, 1989.

\_\_\_\_\_. The crisis of the third century as seen by contemporaries. *Greek, Roman, and Byzantine Studies*. Chicago, v. 15, n. 1, mês. 1974, pp. 89-111. Disponível em: <http://grbs.library.duke.edu/article/view/9021>. Acesso em: 22 abr. 2015.

BENOIT, André; SIMON, Marcel. **El judaísmo y el cristianismo antiguo**: de Antíoco Epífanes a Constantino. Barcelona: Editorial Labor, 1972.

BROWN, Peter. **O fim do mundo clássico**: de Marco Aurélio a Maomé. Lisboa: Editorial Verbo, 1972.

MAZZARINO, Santo. **O fim do mundo antigo**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

SCHIMITZ, Leonhard, "Dexippus" In. SMITH, William (ed.). *Dictionary of greek and roman biography and mithology*. Boston: Little, Brown and Company, 1870, p. 996, vol. I.

UBIÑA, J. Fernández. **La crisis del siglo III y el fin del mundo antiguo**. Madrid: Akal Editor, 1982.